



Trotes na Esalq

Meu pai me conta que as maiores estripulias que os estudantes de agronomia da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) causavam, isso pelos anos de 1950/1960, era tirar o bonde dos trilhos, na rua Santa Cruz, a caminho da escola. Nem ele, nem eu, temos conhecimento de como eram os trotes nesta época, ou antes disso, mas o que vemos hoje extrapola qualquer senso de razoabilidade, de humanismo, de solidariedade com colegas de estudo. Alvo de uma CPI na Assembleia Legislativa de São Paulo, os trotes estão na berlinda, e o que é pior, as manifestações na Esalq estão na liderança pela agressividade e pelo poder de abuso de poder por parte dos chamados veteranos. Agora o **Jornal de Piracicaba** traz reportagem como manchete principal de que está à venda dentro da instituição de ensino uma cartilha ofensiva aos calouros, com cunho preconceituoso, sexista, homofóbico, discriminatório e com um linguajar chulo, que nada tem a ver com a tradição cultural e educacional de nossa famosa “Escola Agrícola”. Estarrece e choca a falta de tolerância, a ânsia de subjugar os novos colegas que chegam a esse novo ambiente. O que é mais lamentável é que isso ocorre principalmente em universidades públicas, cujos alunos, em sua grande maioria, vêm de uma classe privilegiada e que representam apenas 25% de todos os estudantes universitários brasileiros, pois 75% deles estudam em escolas privadas, trabalham durante todo o dia, pagam altas mensalidades e não raro, com um nível de ensino deplorável. Isso para não dizer que apenas 17% dos jovens do país cursam o 3º grau, e que os universitários da rede pública, pela gratuidade dos cursos, são custeados e financiados por todos nós contribuintes, através do im-

posto mais injusto que existe, o ICMS, pois pago por pobres e ricos na mesma proporção. É a triste realidade da educação brasileira.

Francisco Cella - bancário